

Satélites: França disputa mercado com EUA e URSS

ANY BOURRIER
Correspondente do GLOBO

PARIS — O lançamento do foguete Ariane ontem, na base de Kourou, Guiana Francesa, não foi apenas uma operação tecnicamente bem sucedida. Por trás do êxito do terceiro tiro do lançador, está o projeto da França de concorrer com Estados Unidos e União Soviética no mercado internacional de satélites.

Este mercado tem um faturamento calculado em 25 bilhões de francos (Cr\$ 400 bilhões), se realmente se efetivarem os planos de lançamento dos diversos satélites militares, de telecomunicação, de meteorologia ou de simples observação do espaço. A previsão é de que, na década atual, cerca de 200 satélites serão lançados em todos os continentes, transformando o espaço num negócio de alto rendimento.

Por isto, o lançamento do Ariane faz parte de um plano global de exploração de suas capacidades comerciais dirigido pela firma Arianespace, criada no ano passado para administrar o foguete. A Arianespace já investiu cinco milhões de francos (Cr\$ 80 milhões) para convencer futuros clientes, sobretudo países da Europa Ocidental das vantagens do projeto e de participarem da experiência.

A França financiou 60 por cento do custo total do Programa Ariane e a Alemanha tornou-se sua sócia mais importante. Trinta e seis grupos industriais e onze bancos fazem parte do Conselho de Administração da Arianespace, que tem um capital de 120 milhões de francos (Cr\$ 1,92 bilhão).

Depois da série de seis lançamentos, prevista até dezembro de 1983, começará a fase comercial do Ariane, cujos concor-

rentes mais fortes são os foguetes americanos Thor Delta e Atlas Centaur. O Ariane já tem 14 reservas de vagas para lançamento de satélites. Com a Boeing, por exemplo, foi assinado um protocolo para lançamento de plataformas científicas. No futuro, o lançador Ariane 1 será substituído por outros modelos mais aperfeiçoados, entre os quais o Ariane 3, com capacidade de colocar em órbita satélites de 2.470 quilos, e o Ariane 4, que aumentará esta capacidade para 7.500 quilos. Segundo dirigentes do Centro Nacional de Estudos Espaciais (CNES), o organismo que elaborou o projeto Ariane, o Brasil seria um dos países mais interessados pelas perspectivas do lançador, pois sua posição geográfica facilitaria o intercâmbio neste campo. Satélites meteorológicos, de teledeteção ou simplesmente comerciais brasileiros poderiam ser lançados rapidamente em Kourou, ou nas futuras bases do Centro Nacional de Estudos Espaciais, cuja construção começa em julho próximo — garantiram no CNES.